

## UMA REFLEXÃO NECESSÁRIA PARA A IGREJA ATUAL

Uma rede é, basicamente, um conjunto de entidades (que podem ser objetos, pessoas, instituições, grupos etc.) interligadas umas com as outras, permitindo a circulação de elementos materiais e imateriais. O termo, no entanto, tem surgido de maneira quase onipresente, basta pensar nas “redes sociais”. É o conceito utilizado nos mais variados ambientes e áreas de estudo, como a Economia, a Sociologia, a Comunicação, a Antropologia, a Matemática, a Filosofia.

Muitos estudiosos utilizam o conceito de rede para explicar o desenvolvimento das sociedades contemporâneas e os processos de globalização, como Manuel Castells, Lawrence Lessig, Henry Jenkins, Douglas Rushkoff, Yochai Benkler entre outros. Porém, como recorda Oliveira, “as diferentes abordagens teóricas face à sociedade da informação são tendentes a acentuar, cumulativa ou separadamente, estes cinco vetores de análise: o tecnológico, o econômico, o ocupacional, o espacial e o cultural”<sup>1</sup>. Apesar de a religião ser um elemento básico da vida do ser humano, existem poucos estudos sobre a religião na sociedade em rede ou, mais especificamente, sobre a Igreja Católica na sua relação com o novo contexto cultural e social em que vivemos.

Os estudos existentes – como os elaborados pelo Pew Internet & American Life Project ou artigos do *Heidelberg Journal of Religions on*

<sup>1</sup> OLIVEIRA et al., 2004, p. 18.

*the Internet* – em geral limitam-se à análise das manifestações religiosas na internet. Apesar de a internet ser o paradigma de uma sociedade em rede e o instrumento potenciador da sua concretização, além de centro de um novo paradigma sociotécnico que, na realidade, constitui a base material das nossas vidas e das nossas formas de relação, de trabalho e de comunicação, constatamos uma negligência e uma lacuna a ser preenchida, pois a sociedade em rede não se limita à internet. Diante dessa realidade surgiu a motivação do presente livro, fruto do estudo aprofundado do tema apresentado como dissertação de mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação no ISCTE-IUL (Instituto Universitário de Lisboa).

A partir da teoria de Manuel Castells – sociólogo catalão que melhor e mais amplamente desenvolve a teoria sobre a sociedade em rede nas suas diversas dimensões – e focalizando principalmente os impactos sofridos pelas instituições na nova sociedade que nasce na era da informação, questionamos se é possível e como se estabelece a relação entre a Igreja Católica e a sociedade contemporânea definida como sociedade em rede. Procuraremos descobrir qual é a relação possível, o diálogo existente e as condições de coexistência entre sociedade em rede e Igreja Católica. Quais são os desafios/ameaças e as possibilidades/oportunidades. Não pretendemos fazer futurologia ou previsões (apesar de elas serem por vezes inevitáveis), mas sim analisar diferentes fenômenos presentes na sociedade contemporânea e sugerir algumas hipóteses que sirvam como chave de leitura e apontem uma linha condutora, um fator comum que responda a esses fenômenos e traga luzes para uma reflexão sobre a Igreja hoje.

Para a concretização desse objetivo propomos uma leitura em pelo menos duas vertentes, estabelecendo posteriormente a relação entre os conhecimentos obtidos nas duas áreas. Primeiramente procuraremos estabelecer os fundamentos da sociedade em rede, analisando quais são as particularidades dessa sociedade e como elas afetam a religião de um modo geral e a Igreja Católica de maneira específica. Ainda no campo da sociologia, será interessante visitar estudos clássicos como os de Émile Durkheim e de Max Weber no que toca à influência da religião nas sociedades.

Por outro lado, parece essencial uma leitura teológico-eclésiológica, procurando conhecer a estrutura da Igreja e todos os elementos essenciais para caracterizar a sua constituição e a sua história. A Igreja existe há cerca de dois mil anos. Nesse período relacionou-se com as mais diferentes sociedades (primitivas, democráticas, monárquicas, oligárquicas etc.) e sempre se destacou em todas elas, inculturando ali o Evangelho. Será a sociedade em rede tão inovadora que mudará essa prerrogativa? Como pode a Igreja adaptar-se e conciliar-se com a sociedade em rede? Não será a própria Igreja uma sociedade em rede?

Desse modo, temos, num primeiro momento, a explanação sucinta sobre as mudanças introduzidas pela sociedade em rede, sempre em diálogo com a teologia: novo paradigma, nova economia, nova cultura, nova concepção de tempo e de espaço, nova identidade, nova sociedade. Apesar de Castells não se debruçar sobre essa relação entre a sociedade em rede e a religião, parece-nos uma reflexão necessária e perfeitamente concebível dentro da sua teoria e da nova estrutura social que emerge da sociedade em rede. Segundo Castells, testemunhamos a emergência de uma nova estrutura social, manifestada sob diversas formas, que depende da diversidade de culturas e instituições existentes em todo o planeta. Nesse sentido, as instituições religiosas também se devem adequar ao novo sistema determinado pela tecnologia de produção de conhecimentos, de processamento de informação e de comunicação de símbolos.

Estabelecidas as bases teóricas, será possível avançar para a relação com o cristão e com a Igreja enquanto instituição. O primeiro capítulo é sobretudo sociológico, para compreendermos a sociedade em que vivemos atualmente. Mas se o leitor já estiver familiarizado com o conceito de sociedade em rede, ou se por alguma razão achar desnecessário esse conjunto de termos técnicos, sugerimos que comece a leitura no capítulo 2, específico sobre os cristãos na sociedade em rede.

Num segundo momento, analisaremos a questão religiosa a nível socioantropológico, como um elemento essencial constitutivo

do ser humano manifesto em qualquer sociedade e tempo. O ser humano é naturalmente um ser religioso, o que continua válido na sociedade em rede. Isso tem um impacto importante sobre o cristão, que vive a sua fé como um *éthos*, um estilo de vida que contempla e influencia todos os momentos e dimensões da sua vida. O cristão deve manifestar a sua opção de fé e os seus valores em todas as suas ações, por isso a sua identidade e o seu modo de ser na sociedade em rede são altamente influenciados pela religiosidade. Mas de que maneira? Concretamente, como a vivência da fé como resposta à proposta de Deus (revelação) é testemunhada na sociedade em rede? Ou – como alguns teóricos já caracterizam – no ambiente *onlife*?<sup>2</sup>

Enfim, num terceiro momento, analisaremos a Igreja Católica enquanto instituição (história, estrutura, fundamentos etc.) e a sua relação com a sociedade em rede. Como duas estruturas aparentemente dicotômicas podem conviver; como uma sociedade fundamentada em rede, aberta, interativa, de relações horizontais, pode ser conciliada com um sistema hierárquico, vertical; quais são os desafios lançados pela sociedade em rede à Igreja e como ela responde ou deveria responder e contribuir. Terá sido mero acaso a eleição de um Papa latino-americano, ou será uma consequência da sociedade em rede? A nova estrutura que o Papa Francisco tem tentado dar à Cúria Romana não seria uma adaptação às mudanças impostas pela sociedade em rede? Elementos relacionados com as primeiras comunidades cristãs e com o Concílio Vaticano II mostrar-se-ão fundamentais nesta análise e adaptação.

Nessa nova sociedade descrita por Castells, que representa uma transformação qualitativa da experiência humana e terceiro modelo de relação entre natureza e cultura, pode não haver espaço para o sagrado, o sobrenatural e o transcendente, o que inviabilizaria a

<sup>2</sup> Conceito que define a nova condição habitativa no mundo da comunicação hiperconexa atual, caracterizada por quatro grandes transformações: ofuscação da distinção entre real (*off-line*) e virtual (*on-line*); diminuição da distinção entre homem, máquina e natureza; substituição de uma condição de escassez de informação por uma de abundância; e passagem dos conceitos de “propriedade” e “relações bilaterais” a “processos” e “redes”.

presença e atuação da Igreja e das religiões. Mas não parece ser essa a realidade. Cada vez mais há espaço para a fé, o invisível, o espiritual, como comprova a multiplicação de páginas religiosas nas redes sociais, ou o sucesso mediático do Papa Francisco e dos famosos “padres cantores”, ou ainda dos livros espirituais sempre presentes no TOP10 nacional, isso sem mencionar a grande adesão a eventos religiosos, como a Jornada Mundial da Juventude. O duplo caminho que agora propomos, ora focado no ser humano, ora na instituição, buscará luzes para explicar estes e outros fenômenos.

Há cerca de 20 anos, o sociólogo catalão Manuel Castells publicou um detalhado estudo acerca da “revolução tecnológica da sociedade”, com impactos locais e globais. Na trilogia *A era da informação: economia, sociedade e cultura*, publicada no Brasil pela Paz e Terra, Castells aborda os conceitos e analisa as transformações da sociedade provocadas principalmente pelo avanço da economia da informação e do conhecimento, que se desenvolveu sobre o suporte das inovações tecnológicas nos campos da comunicação e culminou na formação da sociedade em rede, mediada por computadores conectados por meio de tecnologias de telecomunicação.

Vivemos uma revolução tecnológica, centrada nas tecnologias da informação, que reconfigura a base material da sociedade num ritmo acelerado. Essa revolução expande-se nas esferas do Estado, da economia e da sociedade. A formação da sociedade em rede permite uma integração global dos mercados financeiros, o surgimento de novos centros tecnológicos e industriais dominantes e mudanças geopolíticas em vários pontos do planeta. A integração global é possibilitada unicamente pelo ambiente digital, que passa a ser uma linguagem universal, um ecossistema ou ambiente de vida, e é muito mais concreto e envolvente do que a “aldeia global” de Marshall McLuhan, que por sinal iniciou as suas pesquisas influenciado pelo catolicismo.<sup>1</sup> Na base

<sup>1</sup> McLuhan adota a concepção teológica da espiritualidade humana, meio para comunhão cognitiva com Deus. Ele identificou a progressiva incapacidade de o homem moderno expressar a sua devoção através de símbolos naturais ao desenvolvimento do pensamento literal, facilitado pela imprensa. As suas inves-

dessa revolução – o que a sustenta – estão as tecnologias da informação, processamento e comunicação. A informação tecnológica é para a atual revolução o que as fontes de energia foram para as sucessivas revoluções industriais, da máquina a vapor à eletricidade.

A partir dos anos 80, essa revolução das tecnologias de informação (tecnologias em eletrônica, computação, telecomunicações/radiodifusão...) mostrou-se essencial para implementar um importante processo de reestruturação do sistema capitalista. Devido à capacidade de penetrabilidade em todas as esferas da atividade humana, essa revolução das tecnologias da informação é tomada como ponto de partida para Castells analisar a complexidade da nova economia, sociedade e cultura. O que a caracteriza, no entanto, não é a centralidade do conhecimento e da informação, mas a aplicação desse conhecimento e informação na produção de conhecimentos e de dispositivos de processamento/comunicação da informação, num ciclo de realimentação cumulativo entre a inovação e o seu uso.

Dentre as consequências da transformação geral do sistema capitalista temos:

a integração global dos mercados financeiros; o desenvolvimento da região da Ásia-Pacífico como o novo centro industrial global dominante; a árdua, mas inexorável, unificação econômica da Europa, o surgimento de uma economia regional norte-americana; a diversificação e posterior desintegração do ex-Terceiro Mundo; a transformação gradual da Rússia e da antiga área de influência soviética em economias de mercado e a incorporação de importantes segmentos de economias do mundo inteiro num sistema interdependente que funciona como uma unidade em tempo real.<sup>2</sup>

Já aqui começamos a notar algumas relações diretas com a nova dimensão religiosa, pois há uma notável descentralização geopolítica da Igreja, com um promissor crescimento da Ásia e África e uma maior autonomia da América. Os dados do Anuário Católico são claros nesse aspecto, mas também foram divulgados recentemente

tigações sobre os meios de comunicação social decorrem da sua vontade de encontrar uma forma nova de simbolismo icônico por meio da qual possa haver experiência dos mistérios redentores de Deus.

<sup>2</sup> CASTELLS, 2007, p. 2.

dois estudos do Pew Institute (dos EUA) intitulados “O futuro das religiões no mundo: Projeções 2010-2050” (2015) e “Cristianismo global: relatório sobre o tamanho e distribuição da população cristã no mundo” (2012).<sup>3</sup> Segundo a pesquisa “Cristianismo global”, realizada em 200 países, um terço da população mundial é cristã. Mas enquanto há cem anos 93% da população cristã se concentrava na Europa e nas Américas, hoje são apenas 63% nesses dois continentes. Na Europa, o número de cristãos diminuiu de 95% para 76%, e nas Américas de 96% para 86%. Em compensação, na África Subsaariana e na Ásia-Pacífico, o número de cristãos aumentou: de 9% para 63% e de 3% para 7%, respectivamente. Atualmente, a região da África concentra 24% da população cristã mundial, e a Ásia 13%. O mesmo estudo mostra que 50% dos cristãos são católicos, 37% protestantes, 12% ortodoxos e 1% mórmons ou Testemunhas de Jeová. A pesquisa de 2015 consolida esses números e afirma que em 2050 os cristãos serão 2.92 bilhões, continuando a representar 31,4% da população mundial. Os muçulmanos crescerão de 23,2% para 29,7%, atingindo a marca de 2.76 milhões.<sup>4</sup>

Outro ponto significativo para a nossa temática apontado por Castells é o reagrupamento natural, em tempos de mudanças, das pessoas em torno de identidades primárias: religiosas, étnicas, territoriais e nacionais. O autor mostra que o fundamentalismo religioso é a maior força de segurança pessoal e mobilização coletiva nestes anos conturbados. Castells analisa de modo pormenorizado a questão da identidade no segundo volume da sua trilogia, mas já na sua introdução geral afirma que “a busca da identidade coletiva ou individual, atribuída ou construída, torna-se fonte básica de significado social. [...] Cada vez mais, as pessoas organizam o seu significado não em torno do que fazem, mas com base no que são ou acreditam ser”.<sup>5</sup>

Ser cristão, de fato, é muito mais do que uma confissão religiosa, é um *éthos*, molda toda a identidade e todas as dimensões do ser humano. Exatamente por isso a análise das transformações proporcionadas

<sup>3</sup> Cf. <[www.pewforum.org/christian](http://www.pewforum.org/christian)>.

<sup>4</sup> Cf. <<http://www.pewforum.org/2015/04/02/religious-projections-2010-2050/>>.

<sup>5</sup> CASTELLS, *op. cit.*, p. 3.

pela revolução tecnológica não pode suprimir o elemento religioso. Ele é fundamental para uma análise social, como vimos em outros momentos da história, por exemplo, com Durkheim e com Weber. Do mesmo modo a instituição que é por ele formada, a Igreja, tem um papel significativo nesta nova sociedade em rede. Mas, antes de adentrarmos na questão específica, vejamos alguns pontos essenciais da teoria da sociedade em rede desenvolvida por Manuel Castells, com ênfase nos elementos que se referem ao tema da Igreja e da religião ou o influenciam mais diretamente.

### 1.1. O novo paradigma da tecnologia da informação

Paradigma é um pressuposto, modelo ou padrão a ser seguido. É o ponto de referência que sustenta uma nova teoria ou estudo. Nesse sentido, a sociedade em rede é fundamentada sobre o paradigma informacional, que tem cinco características fundamentais.<sup>6</sup>

A primeira é que a informação é a sua matéria-prima. “A informação assume uma importância central enquanto vetor estruturante de um conjunto plural de domínios socioculturais, econômicos e políticos.”<sup>7</sup> Ela passa a ser a principal fonte da produção de valor e define a primazia das atividades informacionais em relação às atividades do setor secundário e terciário. Informação e conhecimento sobrepõem-se à força do trabalho e ao próprio capital. São tecnologias para agir sobre a informação, não apenas informação para agir sobre a tecnologia, como foi o caso das revoluções tecnológicas anteriores.

A segunda característica refere-se à capacidade de penetração dos efeitos das novas tecnologias. Como a informação é parte integrante de toda a atividade humana, todos os processos da nossa existência individual e coletiva são diretamente moldados pelo novo meio tecnológico. Todos os sistemas ou conjunto de relações organizam-se segundo a lógica das redes, utilizando as novas tecnologias. Essa lógica de redes, terceira característica do paradigma informacional, é necessária para estruturar o não estruturado, preservando, porém,

<sup>6</sup> Cf. *idem, ibidem*, p. 86.

<sup>7</sup> OLIVEIRA, *op. cit.*, p. 15.

a flexibilidade. Ela passa a englobar tudo, sendo que estar fora da rede (deste ecossistema comunicativo digital) é cada vez mais penalizante em virtude do número decrescente de oportunidades de chegar a outros membros fora dela. Não se pode imaginar a Igreja fora da sociedade em rede, uma vez que os cristãos são naturalmente absorvidos pelas demais redes às quais pertencem.

Como quarta característica, temos a flexibilidade: organizações e instituições podem ser modificadas e alteradas pela reorganização dos seus componentes. E, por fim, a crescente convergência de tecnologias específicas para um sistema altamente integrado, no qual as trajetórias tecnológicas antigas ficam literalmente impossíveis de se distinguir em separado.

## 1.2. Economia: do capitalismo ao informacionalismo

A emergência de uma nova estrutura social está associada à emergência de um novo modo de desenvolvimento, o informacional, que foi historicamente moldado pela reestruturação do modo capitalista de produção. Passamos assim do capitalismo ao informacionalismo. Recordamos que Castells chama informacional, global ou em rede a economia surgida em escala mundial no final do século XX:

É informacional porque a produtividade e a competitividade das unidades ou agentes nessa economia (sejam empresas, regiões ou nações) dependem basicamente da sua capacidade de gerar, processar e aplicar de forma eficiente a informação baseada no conhecimento. É global porque as principais atividades produtivas, o consumo e a circulação, assim como as suas componentes (capital, trabalho, matérias-primas, administração, informação, tecnologia e mercados), estão organizadas à escala global, diretamente ou mediante uma rede de relações entre os agentes econômicos. É em rede porque, sob as novas condições históricas, a produtividade e a competitividade se estabelecem e desenvolvem numa rede global de interações entre redes comerciais.<sup>8</sup>

A grande novidade é a produtividade baseada no conhecimento. Mas a economia global também é uma nova realidade histórica,

<sup>8</sup> CASTELLS, *op. cit.*, p. 95.

diferente de uma economia mundial. É uma economia cujos componentes nucleares têm a capacidade institucional, organizacional e tecnológica para trabalhar como uma unidade em tempo real ou num tempo convencionado, a uma escala planetária, explica o autor. A economia mundial conseguiu tornar-se verdadeiramente global com base na nova infraestrutura, propiciada pelas tecnologias da informação e comunicação.

Essa economia surgiu num local e tempo determinado, segundo Castells: nos anos 90, nos EUA, em torno das indústrias da tecnologia da informação, de finanças e da biotecnologia. Mas nem a tecnologia nem o comércio teriam podido, por si sós, desenvolver a economia global. Entram em ação, nesse momento, alguns agentes importantes. Castells sublinha que

os agentes decisivos na montagem de uma nova economia global foram os governos e, em particular, o governo dos países mais ricos, o G7, e as suas instituições de suporte internacional, o FMI, o Banco Mundial e a Organização Mundial do Comércio. Três políticas inter-relacionadas criaram as fundações para a globalização: desregulação da atividade da economia interna; liberalização do comércio e investimento internacional; e privatização de empresas públicas.<sup>9</sup>

O surgimento dessa economia da informação fez o capitalismo evoluir para uma nova forma, dita informacionalismo. Obviamente o mundo não deixou de ser capitalista, mas tomou uma nova dimensão, com efeitos visíveis na produtividade, competitividade e lucratividade, que passaram a ser influenciados diretamente pelo acúmulo e aplicação dos conhecimentos e capacidades de acesso à informação.

Mas como qualquer outra forma de produção, a economia informacional caracteriza-se pela sua cultura e instituições específicas. Segundo o sociólogo catalão,

o surgimento da economia informacional e global caracteriza-se pelo desenvolvimento de uma nova lógica organizacional, que está relacionada com o processo atual de transformação tecnológica, mas que não depende dele. A convergência e interação entre um novo paradigma tecnológico e uma nova lógica organizacional cons-

<sup>9</sup> *Idem, ibidem*, p. 167.

tituem o fundamento histórico da economia informacional. Contudo, essa lógica organizacional manifesta-se sob diferentes formas em vários contextos culturais e institucionais.<sup>10</sup>

Ao analisar a origem dessa nova forma organizacional e as condições da sua interação com o novo paradigma tecnológico, constata-se que a empresa mudou o seu modelo organizacional para se adaptar às condições de imprevisibilidade introduzidas pela rápida transformação econômica e tecnológica. A principal mudança pode ser caracterizada como a passagem das burocracias verticais para a empresa horizontal. Nesse sentido, surgem os primeiros conflitos com a instituição Igreja. Aparentemente ela não seguiu essa tendência e por isso não se caracteriza como uma organização da nova sociedade. A análise das inovações introduzidas na Igreja a partir do Concílio Vaticano II, porém, pode trazer luzes interessantes sobre esse assunto, como veremos no capítulo 3.

A nova empresa em rede materializa a cultura da economia informacional e global: ao processar conhecimento, transforma símbolos em produtos. Toda a informação circula através de redes, sejam elas de empresas, internas às empresas, pessoais ou de computadores. Pela primeira vez na história, a unidade básica da organização econômica não é o sujeito, mas a rede, formada por diversos sujeitos e organizações, modificando-se continuamente à medida que se adapta aos contextos de apoio e às estruturas do mercado. Aqui poderíamos falar de muitos aspectos da sociedade e do mundo comunicacional atual, tais como o conceito de *Internet of things*, algoritmos, *Big Data* etc. Todos esses são conceitos fundamentais para compreender a ecologia comunicativa em que habitamos, mas não convém nos atermos a eles, pois são inúmeras as fontes às quais o leitor pode recorrer para ulteriores aprofundamentos.

Enfim, as sociedades serão informacionais não porque se encaixam num modelo específico de estrutura social, mas porque organizam o seu sistema produtivo em torno de princípios de maximização da produtividade baseada em conhecimento, através do desenvolvimento e difusão de tecnologias de informação, e do preenchimento dos

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 200.

pré-requisitos para a sua utilização, sobretudo recursos humanos e infraestruturas comunicacionais.

### 1.3. Aparecimento de uma nova cultura: a virtualidade real

Inspirado pelo estudo clássico de Max Weber (1904) como base metodológica fundamental para perceber a nova configuração cultural e institucional subjacente nas formas de organização da vida económica, Castells analisa a nova estrutura sob o título de “o espírito do informacionalismo”. Apesar de “o espírito do informacionalismo” não apontar para uma nova cultura no sentido tradicional de um sistema de valores, há um código cultural comum nas diversas formas de funcionamento da empresa em rede.

Como afirma Castells,

é de fato uma cultura, mas uma cultura do efêmero, uma cultura de cada decisão estratégica, uma amálgama de experiências e interesses, mais que uma carta de direitos e obrigações. É uma cultura multifacetada e virtual, como as experiências visuais criadas por computadores no ciberespaço ao recompor a realidade.<sup>11</sup>

Para Castells, a interação dos diversos modos de comunicação numa rede interativa, facultada pelas transformações tecnológicas, tem dimensões históricas semelhantes às da criação do alfabeto. “O surgimento de um novo sistema eletrónico de comunicação, caracterizado pelo seu alcance global, a integração de todos os meios de comunicação e interatividade potencial, está mudando e mudará para sempre a nossa cultura.”<sup>12</sup> Posição semelhante é defendida pelo filósofo Pierre Levy, que desenvolve mais pormenorizadamente essa teoria. Segundo este autor, o advento do digital e da cibercultura representa a segunda grande transformação da *ecologia mediática*.<sup>13</sup> A invenção da escrita marca a passagem do primeiro período da humanidade, caracterizado pela linguagem oral – uma totalidade não universal, o particular –, para um universal totalizante, uma vez que o texto é

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 263.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 433.

<sup>13</sup> Cf. LEVY, 1999, p. 113ss.

descontextualizado. As mensagens linguísticas, em geral transmitidas através da narração ou do rito, eram recebidas no tempo e lugar em que eram emitidas. O emissor e o receptor faziam parte de um mesmo contexto, estavam imersos numa mesma situação, mesmo ambiente cultural, partilhavam as mesmas circunstâncias e experiências. A característica forte era a imediatez da comunicação, uma forma direta, sempre contextualizada, apesar de particular. O universo semântico não extrapola as fronteiras da aldeia. As leis, os deuses, o conhecimento, as técnicas etc., são particulares, frutos da experiência do próprio povo, que é transmitida oralmente através das gerações.

Por volta do IV milênio a.C., a humanidade cria uma nova forma de comunicação, a escrita. A transformação cultural, evidentemente, não foi imediata, mas não tardou para essa grande invenção exercer influência sobre o ser humano e a estrutura sociocultural. A grande novidade da escrita é que ela estende a memória social e permite assim a universalidade. Essa universalidade, porém, é totalizante, já que o texto é descontextualizado. A distância geográfica e cronológica entre o autor e o leitor pode ser muito grande e isso força uma universalidade e objetividade por parte do emissor que quer ser compreendido por todos os seus leitores. As mensagens nascem naturalmente universais, são compreendidas por todos os que são capazes de interpretar os códigos linguísticos. A compreensão é universal. O grande problema que emerge aqui, porém, é a descontextualização do texto. A escrita desvincula a mensagem do seu universo semântico, priva-a do seu contexto original (espaço e tempo), fator importante para reconhecer o seu sentido verdadeiro, original. Nasce a totalização, ou seja, o fechamento do universo semântico.

Na segunda grande transformação da ecologia mediática, a universalidade continua; a novidade, porém, é que ela não é mais totalizante. Quanto mais universal, menos totalizável, no mundo da cultura virtual. Essa desvinculação entre a universalidade e a totalidade é possível porque a cibercultura permite a todos partilharem do mesmo contexto, do mesmo ambiente, da mesma cultura, do mesmo ecossistema. Todos habitamos o mesmo ambiente que é uma convergência do *on-line* e *off-line*, real e virtual, analógico e digital. Conectados à

rede informático-mediática, os atores da comunicação dividem cada vez mais um mesmo hipertexto. Levy chama esse novo contexto de “universal, sem totalidade”. Um universo de técnicas, de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.

São inúmeras as formas de caracterizar a cultura contemporânea, profundamente marcada pelo elemento da comunicação. Castells usa o termo “cultura da virtualidade real” para definir o momento atual, apresentando na sua obra inúmeras características, entre elas a integração de vários modos de comunicação numa rede interativa, a formação de um hipertexto e de uma metalinguagem que, pela primeira vez na história, integram no mesmo sistema as modalidades escrita, oral e audiovisual da comunicação humana.

Castells define essa cultura principalmente a partir das consequências da difusão em massa da televisão no período posterior à Segunda Grande Guerra, que fez convergir para si todos os outros meios de comunicação. Analisa primeiramente a formação dos *mass media* e a sua inter-relação com a cultura e o comportamento social, para posteriormente avaliar a sua mudança durante a década de 80, com o surgimento dos “novos meios” (que hoje para um nativo digital já não são novos) descentralizados e diversificados, que prepararam a emergência de um sistema multimídia nos anos 90, organizado em torno de redes de computadores. Isso tudo para argumentar que, através da poderosa influência do novo sistema de comunicação, mediado por interesses sociais, políticas governamentais e estratégias de negócio, fez surgir uma nova cultura: a cultura da virtualidade real, cujo conteúdo, dinâmica e importância são por ele analisados.<sup>14</sup> É o fim da Galáxia de Gutenberg, que deixou espaço para o aparecimento da *Galáxia da Internet*, título de uma das obras mais importantes de Castells.

A comunicação é, assim, o elemento principal que dá origem à cultura da virtualidade real. Segundo Castells, o que é historicamente específico do novo sistema de comunicação (recordando que são os sistemas de comunicação que dão origem à cultura), organizado pela

<sup>14</sup> Cf. CASTELLS, *op. cit.*, p. 434ss.